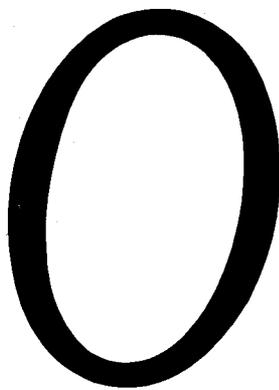


CHICO REI CLUBE DE POÇOS DE CALDAS

**Maria José de Souza
Do Chico Rei Clube e da
Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de
Poços de Calda**



O clube que represento, o Chico Rei de Poços de Caldas, como todas as entidades negras, desde os tempos coloniais até hoje, foi criado com a permissão e o apoio do senhor branco. O nosso foi fundado em 1963, por 18 casais, sob a proteção do Lions Club e do Rotary Club. Em 1973, por ocasião da aquisição da sede, iniciamos um trabalho visando a valorização do negro, a recuperação das suas raízes e da sua cultura. Deste modo, conseguimos

que os jovens que faziam parte do Clube retornassem às congadas, e que os mais velhos assumissem e protegessem essa atividade dos filhos. Começamos, também, a incentivar os congos, fornecendo alimentação, tentando obter recursos com a Prefeitura. O grupo foi crescendo: hoje temos sete grupos de congo. Também, recuperamos totalmente o caiapó¹, que na época contava com apenas cinco elementos. Porém, comecei a perceber que o pessoal temia que eu pudesse prejudicar o Clube, justamente por minha irreverência política. Então, passei a ter cuidado, evitando falar e me desviar da proposta de incentivo à cultura.

No decorrer desse meu trabalho, tenho observado vários fatos que demonstram a dificuldade do negro em se assumir enquanto negro. Na verdade, os negros do Clube tinham medo, respeito pelos brancos e a sua maior preocupação era não ofendê-los e não desrespeitá-los: gozavam de todas as regalias. Entravam livremente e, às vezes, nem sequer pagavam as mesas nos eventos que o Clube promovia. Esses fatos começaram a me incomodar e eu passei a fazer plantão na portaria, a fim de exigir esse pagamento.

Outro fato, que mostra essa dificuldade do negro, ocorreu por ocasião da realização do Festival Comunitário Negro Zumbi no interior de São Paulo. A diretoria se pronunciou contra a nossa participação por não aceitar a presença de membros do Clube em reuniões de negros! Mas, mesmo assim, contrariando esta determinação, enviei os jovens para o Festival.

Notei, também, que os negros e as negras lá do Clube, principalmente as meninas, costumavam usar roupa preta, marrom, azul marinho ou cinza. Foi uma dificuldade convencê-las a usar um tom que realçasse a cor negra. Elas se recusavam porque não gostavam de serem pretas e queriam uma cor que neutralizasse a negritude. Os rapazes, por sua vez, só andavam em traje social. Nada de jeans nem de tênis. Entrei, então, em contato com uma psicóloga, que sugeriu um trabalho de sensibilização, para desbloquear essas meninas e meninos. Durante as sessões, eles se viam sempre presos, amarrados, em lugar escuro, dentro de taperas semidestruídas. Era terrível! Mas este trabalho, infelizmente, teve que ser interrompido.

Também, fundamos a Associação de Folclore. Trouxemos uma especialista do Rio de Janeiro, Maria de Lourdes Borges Ribeiro, para ministrar um curso na Faculdade de Filosofia². Este curso foi frequentado por todas as professoras, principalmente da área de educação artística. Com isso, passei a ter em cada escola uma auxiliar. Eu mesma ia às escolas, por ocasião do 13 de Maio, 20 de Novembro, Semana do Folclore, falar sobre cultura e, principalmente, ensinar as professoras a extrair as raízes culturais dos alunos. A partir desta iniciativa, as crianças começaram a se desinibir. Eu as estimulava mostrando-lhes as coisas maravilhosas que elas sabiam, e que as pro-

1 Grupo de dança cuja origem assenta nos aborígenes caiapós, auxiliares dos negros dos quilombos em Minas. A resistência desses quilombos durou mais de dois séculos, até que os capitães-de-mato, auxiliados pelos Bororós, inimigos dos Caiapós, conseguiram expulsar os sobreviventes para o Paraná, Mato Grosso e Goiás.

2 Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, mantida pela Prefeitura de Poços de Caldas.

fessoras, inclusive, ignoravam. Isso surtiu um certo efeito. Passamos a promover a Semana do Folclore, e as escolas participavam, realizavam visitas, se interessavam. As professoras marcavam pesquisas, entrevistas, uma série de atividades. Aos poucos, foi se introduzindo nas escolas toda uma proposta de valorização da cultura do oprimido, não só a do negro, pois temos uma zona rural muito grande, cuja influência é bastante significativa. Entretanto, essa Associação não foi para frente porque não havia estudiosos preocupados com a cultura, a não ser eu mesma.

Mantivemos, ainda, um programa na emissora de rádio da cidade durante um ano. Éramos três: eu, uma moça e um rapaz da Associação de Folclore. Quando os dois se afastaram, eu assumi o programa, mas não foi possível prosseguir porque as tarefas eram muitas para serem desempenhadas por uma única pessoa.

Hoje, a comunidade aceita melhor o Clube. Já temos, principalmente no setor do comércio, possibilidade de emprego para os negros. Os jovens do Clube já estão ingressando na Faculdade de Filosofia embora a sua adaptação seja um processo lento. Tanto é que os primeiros alunos eram muito inseguros, não participavam das atividades acadêmicas, nem mesmo quando convidados. Eles tinham medo de estar no meio de brancos e "sujar", quer dizer: "se não suja na entrada, suja na saída".

Todavia, aqueles que estão terminando seus cursos não seguem o magistério, carreira para a qual se prepararam, porque não se sentem seguros para enfrentar a sala de aula. Temos, inclusive, uma advogada, que embora concursada na área de Direito, era encarregada da distribuição da faxina na Prefeitura da cidade; um advogado que trabalha como técnico-eletrônico; professoras que não exercem o magistério e ganham a vida como prostitutas. Uma delas é formada em Letras e trabalha na faxina do IBC (Instituto Brasileiro do Café).

Nesse meu trabalho de militância, tenho recebido uma grande colaboração dos meus alunos, tanto da Faculdade de Filosofia, onde leciono Cultura Brasileira e Estética, como do colégio, onde sou professora de Sociologia Geral e Sociologia Aplicada à Administração. Por outro lado, a minha experiência no magistério tem sido muito rica à medida que tem me possibilitado realizar um trabalho de conscientização dos alunos negros.

Nas aulas de História, desenvolvo a matéria de maneira que os alunos tenham uma visão ampla do negro. Na 7ª série, quando se estuda a região entre rios, o Egito e a Grécia, trabalho as relações de produção salientando o escravismo como forma de acumulação de riqueza para uma determinada classe. Focalizo a religião, tanto dos dominantes como dos dominados, mostrando que ambas são portadoras de ideologia. Muitas vezes, as crianças reagem, me chamam de racista. Dizem que sou recalcada, que tenho complexo de ser negra porque só falo em negro dentro da sala de aula. Mas eu contesto, mostrando que quando se aborda as raízes das relações de produção



no Brasil, é impossível deixar de falar do negro. Assim, aos poucos, os alunos compreendem a proposta e a assumem.

Na 8ª série, dentro do programa de História Moderna e História Contemporânea, procuro dar uma visão do enriquecimento dos países colonialistas a partir da exploração do trabalho do negro africano através do escravismo. No 1º colegial, trabalho com História da América e História do Brasil, concomitantemente. Para introduzir a História da América, focalizo o índio na sua sociedade, antes de Colombo e, também, a sociedade africana, antes das grandes navegações. Procuro mostrar como era a vida do africano, como era a vida do índio e como isso foi transformado a partir da exploração colonialista.

Essa metodologia foi, inclusive, escolhida para representar a Delegacia de Ensino de Poços de Caldas numa reunião em Belo Horizonte, ocasião em



que será discutida a mudança do currículo no Estado. Nessa proposta, entretanto, introduzimos algumas modificações: História da Civilização passaria para a 5ª e 6ª séries e História do Brasil e da América para a 7ª e 8ª séries, porque a nossa preocupação é justamente dar oportunidade à criança pobre, que dificilmente chega à 8ª série, de entrar em contato com esses conhecimentos³.

No colégio, temos cinco 5as séries no período da manhã. Em cada sala, há sempre de seis a dez negros. Mas como esses alunos, dificilmente, atingem os graus mais adiantados onde eu leciono, consegui que o professor de Português desenvolvesse um trabalho de valorização do negro, voltado especialmente para eles. O comportamento dessas crianças na sala de aula merece ser descrito. Eles entram, sentam todos juntos, do lado oposto da janela, da claridade, vão para o recreio juntos, todos muito inibidos. Então, qual a proposta? Mobilizá-los, fazer uma rebe-

lião dentro da classe, estimulá-los a falarem, a participarem, a darem atenção aos seus cadernos. Esse é um dever que temos para com qualquer aluno mas principalmente para com o negro..

É necessário estar sempre alerta, pois no decorrer da minha experiência no magistério já presenciei fatos que me deixaram revoltada. Por exemplo, ao participar, pela primeira vez do conselho de classe percebi que os professores usavam o apelido "planeta", numa evocação ao programa de televisão *Planeta dos Macacos*, para se referirem a duas alunas negras, consideradas burras, feias, atrasadas. Procurei, então, mostrar-lhes o prejuízo que essa atitude estava causando a essas meninas, que uma vez rotuladas de incompetentes, jamais poderiam ter um rendimento satisfatório na escola. Felizmente, esses fatos não têm se repetido, mas estou atenta e sempre que possível vou às salas, discuto, estimo os alunos a brincarem de capoeira, contam quem vai em Umbanda, se tem avô benzedor, que historinhas os pais contam em casa. Então, essas coisas afloram, e só os negros têm o que contar, porque o colégio fica num bairro em que a maior parte da população é composta de imigrantes, italianos e portugueses; os filhos de italianos e portugueses não são portadores de uma cultura de raiz porque a imigração rompe toda uma proposta ancestral para entrar numa proposta de ascensão, num novo mundo. E, realmente, eles não têm o que falar. Então, quem tem a graça, a riqueza, quem tem tudo são as crianças negras. Elas passam a ser admiradas porque elas são interessantes.

Todo esse trabalho de valorização da comunidade negra que vem sendo desenvolvido pelo Clube, tem produzido frutos positivos. Embora o racismo seja um fato⁴, embora o negro ainda ocupe posições inferiores, ele já dispõe de um certo espaço e de maiores possibilidades de realização. Em Poços, o negro não tem sofrido a violência da polícia. Já protestamos contra o racismo, mas nunca foi necessário protestar contra a polícia.

Considero, também, um resultado positivo de todo esse trabalho que desenvolvemos, o fato de pessoas formadas dentro do nosso Clube já demonstrarem competência para realizar suas próprias atividades. É o que ocorreu com o Grupo Consciência Negra⁵, que se desligou do Chico Rei.

3 Em Belo Horizonte, resolveu-se que História da Civilização seria ministrada nas quatro séries com Estudos de Casos Brasileiros e Americanos intercalados.

4 No ano passado, um colégio particular realizou um levantamento entre advogados, médicos, engenheiros, casas comerciais, instituições, empresas, cujas colocações mostraram de modo inequívoco o racismo: "eu emprego o negro, sim, mas desde que ele prove que toma banho, usa sabonete e desodorante"; "negro só serve para trepar; a mulher negra só serve para isso".

5 Grupo criado em 1985 e liderado por uma ex-integrante do Chico Rei. A maior parte dos seus membros é originária do Chico Rei do qual se desligaram sob a alegação de não disporem de espaço para desenvolverem o seu trabalho. Esse grupo tem o incentivo de elementos ligados à administração municipal.